

# Entrevista

RICARDO GRACA



**Sara Araújo** investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra diz que está na hora de desconstruir a imagem de que somos um povo de brandos costumes e de ouvir as comunidades portuguesas de outras etnias. Afirmar ainda que a masculinidade tóxica também afecta os homens

## “Quantos pais acham normal um filho brincar com uma boneca?”

**Jacinto Silva Duro**  
jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

**■ A sociedade portuguesa tem dificuldade a apreender o que são comportamentos machistas e de violência de género? Ou seja, há práticas tão profundas que, muitas vezes, não conseguimos dar um passo atrás e reconhecê-las?**

Acontece com o racismo e com o sexismo. Quando, no Parlamento, o Bloco de Esquerda propôs a medida anti-piropo, muitos acharam disparatado, e dei-me conta que a maior parte dos meus amigos não fazia ideia do que é ser mulher e andar na rua. Tendemos a individualizar as coisas e a colocá-las no registo da moral individual, quando nada disto é moral individual! Isto é, quando alguém diz que uma sociedade é racista, o nosso primeiro instinto é afirmar "eu não sou racista". Não é assim que se distingue se uma pessoa é racista. Uma pessoa branca tem de perceber que "usufrui do privilégio branco". Não digo que todos os homens são machistas, mas um homem, para não o ser, tem de começar por reconhecer os privilégios de que usufrui

por ser homem, mesmo que não os procure. É preciso reconhecer que o patriarcado não é individual e, por isso, o sexismo não existe apenas nos homens. O patriarcado é uma estrutura mental, política e social, sobre a qual o capitalismo assenta. O sistema, como está construído, depende do trabalho gratuito feito maioritariamente pelas mulheres; todo aquele trabalho invisível e não pago de reprodução social: o cuidado das crianças, dos idosos ou da casa.

**Diz-se muitas vezes a pessoas solteiras: tens de arranjar uma mulher que cuide de ti, tens de arranjar um homem que cuide de ti...**

Ainda há dificuldade em conceber que uma mulher possa ser feliz estando solteira. Há diferentes registos de família e não é obrigatório seguir o cânone. Quantas pessoas estão num casamento e se sentem sós? E quantas são solteiras e não estão sozinhas porque têm uma estrutura de amigos, de família que não é apenas de sangue, que lhes permite ter força para enfrentar a vida? Desconstruiu-se, de alguma forma, a norma de que as mulheres "têm que casar". Mas o essencial da velha ideia

espreita todos os dias: as mulheres não precisam de casar, mas dificilmente se concebe que podem ser felizes não casando. Somos uma geração de mudança, mas existe ainda uma estrutura que nos tenta amarrar às normas. Existe um modelo de felicidade e família... mas não quer dizer que não podemos reagir. É claro que, nos modelos conservadores de família, as regras são claras. Quando queremos algo que fuja ao cânone, as regras têm de ser negociadas.

**A discussão da questão do género pressupõe uma nova concepção daquilo que é o ser-se humano, fora do modelo de binómio masculino-feminino?**

O género é uma coisa construída. Há uma frase que é algo assim: "não vou à casa-de-banho das mulheres por ser mulher, sou mulher porque vou à casa-de-banho das mulheres". Se, enquanto crescemos, nos dizem que apenas somos homens ou mulheres, há, desde logo, o sofrimento das pessoas que não se identificam com o género biológico ou com a concepção binária de género. Há ainda a ideia de que as questões da transexualidade são casos aberrantes ou si-

### Em destaque

“Há ainda a ideia de que as questões da transexualidade são casos aberrantes ou de circunstâncias muito específicas e de um grupo muito reduzido da população... Isso está absolutamente errado”

tuações muito específicas e de um grupo muito reduzido da população... Isso está errado! A nossa sexualidade é mais fluída do que aquilo que acreditamos. Temos de aceitar concepções mais amplas daquilo que é um ser humano. Idealmente, deveríamos incentivar que as pessoas fossem aquilo que quisessem, que se pudessem vestir e identificar com o que quisessem, sem terem de estar constantemente a reagir e a responder ao que é definido como normal. Admiro todos os homens e todas as mulheres trans que se afirmam nessa diversidade. Quando o fazem, melhoram colectivamente a sociedade. Quanto mais e mais diversos pontos de vista houver na sociedade, mais saudável e mais rica ela será. Está na hora de se parar de morrer por se ser fora da norma.

**Direitos das mulheres das minorias, migrações, racismo, xenofobia, questões de género são coisas que devem ser abordadas, desde cedo, nas escolas?**

Acredito que sim. Trabalho, aqui no CES [Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra], com o professor Boaventura de Sousa San-



tos e com um grupo de colegas, a partir de uma proposta epistemológica, que é também uma proposta de intervenção nas sociedades, que se chama Epistemologias do Sul. Nessa proposta, Boaventura identifica três formas principais de opressão e uma delas é o patriarcado e toda a opressão que daí resulta, não apenas contra as mulheres, mas contra quem foge aos papéis de género considerados "normais". A "masculinidade tóxica" também afecta os homens. Quando falamos que o patriarcado destina às mulheres um papel de sujeição, de silêncio, não significa que os homens não sofram também a violência que essa forma hegemónica de "ser e comportar-se como um homem" lhes inflige... Que o homem não sofra também a violência do homem. "Um homem não chora, não pode exibir emoções, tem de ser forte, tem de provar que é sexualmente activo..." Há toda uma série de violências que acontecem também contra os homens, que mais tarde, podem vir a traduzir-se em manifestações violentas de poder, porque têm de estar, constantemente, a provar qualquer coisa. Estas questões têm de ser discutidas nas escolas, porque acontecem desde muito cedo. O meu sobrinho não aprendeu em casa a rigidez dos papéis de género. Nunca houve aquela coisa do rosa para as meninas e o azul só para os meninos. Jamais me esquecerei do dia em que a minha irmã lhe comprou uma escova de dentes e ele, com cinco anos, disse que não podia levar os amigos da escola lá a casa. "Porque eles vão ver que tenho uma escova de dentes cor-de-rosa." Isto vem também da escola! Se sabemos que estas coisas são construídas desde muito cedo, por que não começamos também a conversá-las e a desconstruí-las desde muito cedo? **E quem irá falar e ensinar os mais novos? Serão os professores que foram educados dentro destas construções sociais? E quando as crianças chegam a casa e se deparam com as construções dos pais?** Nada disto é fácil. Acredito na construção de uma sociedade não patriarcal, não capitalista e não colonialista - seguindo os três eixos de opressão que as Epistemologias do Sul identificam. É óbvio que isto é uma utopia! Mas enquanto não a tivermos como sonho, ela jamais irá acontecer. As utopias - não sou eu que o digo - são o "ainda não". Precisamos de utopias fortes para não ficarmos acomodados no cinismo. Se nos adaptarmos ao possível, abdicamos de qualquer papel ou responsabilidade. Até podemos fazer formação de professores e educadores e eles podem desconstruir os preconceitos, porém, quando os miúdos vão para casa, os pais ficam desagrados. Recordo-me de discussões familiares por causa dos brinquedos para as crianças no Natal. Acredito que chegámos longe nesse esforço. Hoje, é relativamente fácil

aceitar que uma menina brinque com um carro de bombeiros, mas quantos pais aceitam um filho brincar com uma boneca? Os rapazes deveriam brincar com bonecas, também eles deviam desenvolver o seu potencial para o cuidado desde cedo. Quando há várias crianças juntas e as meninas pegam nas bonecas e os meninos pegam nos brinquedos classificados como masculinos, há sempre quem diga: "vês? É genético!" Não é! É apreendido desde o primeiro momento de vida. Mal a criança sai da barriga da mãe, estão a pôr-lhe um fatinho rosa ou azul, em função dos seus órgãos genitais! É como aprender a falar. As crianças aprendem uma quantidade de informação gigante num espaço de tempo muito pequeno e se, até aos dez anos, lhes ensinarem dez línguas elas aprendem-nas sem dificuldades, imaginem a absorção que fazem daquilo que é a norma e do que é o desvio da norma. **Basta observarem os adultos.** A minha sobrinha de quatro anos está fascinada com as princesas. Não lhe digo que as princesas não prestam. Tentamos mostrar-lhe outros modelos de heroínas. Mas isto é difícil de combater quando todo o seu universo - os desenhos animados, as amigas, a escola - lhe diz outra coisa. É um processo que vai levar gerações. Nós, aqui no CES, temos um projecto chamado O CES Vai À Escola e vamos aos estabelecimentos de ensino do secundário e básico... Por exemplo, o projecto Intimate aborda as questões da intimidade a partir das margens das prioridades políticas. Há projectos que abordam a questão do racismo e da memória colonial, mostrando o outro lado da narrativa glorificadora da expansão colonial. Tem sido uma actividade de sucesso, que o CES pretende continuar. Já fui à Escola Secundária Domingos Sequeira, em Leiria, levar algumas destas questões para trabalhar com os estudantes, convidada por Elsa Margarida Rodrigues que é lá professora de Filosofia. Levei o projecto Alice, onde pensámos a Democracia, os Direitos Humanos e a Economia a partir de concepções alternativas, a partir dos territórios que foram colonizados e de saberes que foram desvalorizados pelo Ocidente. Os miúdos têm interesse em ideias diferentes e gostam de desconstruir, mas é preciso haver vontade para fazer. É por isto que me preocupa muito que os professores sejam uma classe descontente. Deveria preocupar-nos a todos. Precisamos de docentes do ensino público motivados para educar cidadãos e cidadãs, para ensinarem algo mais do que ter sucesso num exame. Temos de educar cidadãos e cidadãs para que não votem no primeiro Bolsonaro que lhes aparece, por não serem capazes de questionar mentiras veiculadas como notícias e desconstruir argumentos demagógicos.

# "Temos de desconstruir a imagem de que não somos um país racista e que temos 'brandos costumes'"

**Recentemente, a presença de Jean Wyllys na Universidade de Coimbra provocou a convocação, pelo partido de extrema-direita PNR, de uma manifestação contra o ex-deputado brasileiro, acontecendo mesmo uma agressão contra o ex-parlamentar, numa agressividade a que não estamos habituados em Portugal. Onde está o povo acolhedor e de bandos costumes?**

Essa é uma questão que precisamos desconstruir. No CES e em outros lugares, uma das coisas que se tem vindo a desconstruir é a ideia de "povo de brandos costumes", que foi alimentada pelo mito do luso-tropicalismo, isto é, a ideia de que o colonialismo português foi brando, diferente e de que os portugueses têm maior capacidade de miscigenação. Foi uma ideia que ajudou a manter o império colonial até tão tarde e é bom que seja desconstruída. Alguma desta extrema-direita mais musculada que está a aparecer tem vários incentivos, embora ninguém saiba muito bem o que está a acontecer. Durante muito tempo, não se antecipou um Trump ou um Brexit, não se antecipou uma destituição [de Dilma Rousseff] no Brasil ou um Bolsonaro. A força da extrema-direita e o que aconteceu com a vinda de Jean Wyllys a Portugal tem muita influência da realidade brasileira e do que se tem vindo a assistir no resto do mundo. Se a partir de Portugal, uma força de extrema-direita, como o PNR, que se achou sempre que não teria muitas hipóteses para crescer, como acontece com movimentos semelhantes noutros países, começa a ter comportamentos mais "musculados" é porque tem espaço e oportunidade para o fazer. Essa é a primeira questão, mas há outra que também é importante. Não é só a extrema-direita que está a aparecer mais, isto é também reacção a uma discussão que começa a aparecer em Portugal e que tem de ser feita! É importante percebermos quem somos, desconstruirmos as imagens que existem acerca do País e que não são verdadeiras. Temos de desconstruir a imagem de que não somos um país racista e que temos "brandos costumes"... Há muitas vozes que, durante toda a nossa história, foram silenciadas, como as dos movimentos de afro-descendentes... pessoas que estão a reivindicar que a sua narrativa histórica seja ouvida e que comecem a ter influência na História que é contada.

## Em destaque

"Uma das coisas que se tem vindo a desconstruir é a ideia de "povo de brandos costumes", que foi alimentada pelo mito do luso-tropicalismo, isto é, a ideia de que o colonialismo português foi brando, diferente e de que os portugueses têm maior capacidade de miscigenação"

"Fiquei orgulhosa por ver que a minha universidade e que as pessoas do meu País, presentes na contra-manifestação para defender os valores da democracia e a favor do Jean Wyllys eram muitas mais do que as do PNR"

## Isso pode provocar reacções...

Num primeiro momento, mas não me parece que seja uma coisa, só por si, negativa. Obviamente, não me estou a referir aos episódios de violência. Estive recentemente com Mamadou Ba e ele disse que, por mais que lhe tenha pesado tudo o que aconteceu na sequência da intervenção policial no Bairro da Jamaica e da cobertura mediática que foi dada ao caso e à manifestação feita na Avenida da Liberdade - e ele foi ameaçado e sofreu consequências por ser o porta-voz desses movimentos -, o que é certo é que permitiu discutir um assunto que os portugueses e as portuguesas não gostam de discutir, porque, alegadamente, "não somos um país racista". Quando se diz que Portugal é um país racista, não se está a afirmar que os portugueses são todos racistas, mas que existe uma estrutura social que o é. Uma estrutura que atravessa as instituições, que atravessa o País, que nos atravessa muitas vezes. É uma construção... Todos aprendemos os Descobrimentos, todos aprendemos a Guerra Colonial, mas não aprendemos as narrativas das Lutas de Libertação. Aprendemos a História do lado de quem tem poder, do lado dos colonizadores, mas não aprendemos a História a partir das perspectivas de quem sofreu e resistiu à violência. O que tem vindo a surgir são outras vozes, outras narrativas daquilo que somos e daquilo que foi a nossa História, e é óbvio que isso irrita o PNR... Olho para esse grupo e não parecem ser mais do que eram há uns anos. Na conferência com o Jean Wyllys, o atirar dos ovos aconteceu lá dentro e não na rua, onde as coisas foram mais agressivas. Mas fiquei orgulhosa por ver que, na minha universidade, no meu País, a pessoas na contra-manifestação a defenderem os valores da democracia e a favor de Jean Wyllys eram muitas mais do que as reunidas pelo PNR. **No panorama político, estamos a assistir a uma polarização entre direita e esquerda, entre certo e errado, entre bom e mau. Acabou a moderação e os encontros a meio do caminho?** Há várias coisas em causa no fenómeno da polarização e, naquela que acontece entre esquerda e direita, há muito espaço para o populismo. O modelo capitalista neoliberal está a falhar e em crise. E não é uma crise temporária. Toda a gente o sabe. O modelo está esgotado. Todas as promessas que fizeram à nossa geração e à que

# Entrevista

vem depois de nós estão a falhar. Todos tivemos mais oportunidades do que os nossos pais e os nossos filhos não terão mais do que nós, pelo contrário. Tivemos acesso a uma escola pública de qualidade... A Educação e Saúde públicas são das coisas que mais me preocupam neste momento. Quando vejo o descontentamento e a desmotivação dos professores e das professoras, o desprestígio do papel dos docentes do ensino secundário, fico assustada. É no ensino secundário que começamos a pensar criticamente e não devemos apenas ler e interiorizar. Diz-se que as crianças não lêem, mas as pessoas têm acesso a informação produzida em todo o mundo e, se calhar, mesmo não lendo livros inteiros, estão a ler outras coisas. O que é preciso é que aprendam a ler criticamente e temo que isso não esteja a acontecer! Este modelo capitalista neoliberal está a falhar e, simultaneamente, dizem-nos que não há alternativas, veja-se o discurso da Troika em Portugal. Qualquer pessoa ou movimento que apareça agora a dizer que tem uma alternativa válida, consegue aproveitar-se da fragilidade dos cidadãos para uma manipulação emocional dessa vulnerabilidade. É o que o populismo faz. Coloca-nos a "nós" contra "eles" e há pouco espaço para se ser moderado. As pessoas sentem que "isto está mal" e que alguma coisa mais radical tem de ser feito, seja à esquerda ou direita.

## **Também há polarização entre etnias como se viu no Bairro da Jamaica.**

A polarização entre brancos e negros sempre existiu, mas para quem vive no lado do privilégio é possível só agora se ter apercebido dela. As redes sociais tiveram um papel importante nisso e é muito fácil ver alguém, de classe média e branco, a questionar se não estamos a polarizar as questões entre negros e brancos. Não, não estamos! Sempre existiu o outro lado. Por exemplo, a questão da gentrificação... até parece que é uma coisa nova, mas perguntem a um cigano se é nova, perguntem a um imigrante da periferia de Lisboa. Houve sempre pessoas que jamais tiveram um lugar no centro da cidade. Só passou a ser um problema, a partir de 2011, com a crise e a entrada da Troika, quando apareceu uma série de problemas que uma parte da população nunca teve, desde que, em 1974, a democracia nos trouxe um conjunto de garantias e os direitos à habitação, à educação à saúde e ao trabalho. Mas as comunidades ciganas, por exemplo, nunca os tiveram. As comunidades de pessoas negras e imigrantes sempre tiveram muito mais barreiras para acederem a esses direitos. O que acontece agora é que algumas pessoas, que tiveram acesso à educação e formação, começam a ser porta-vozes desses grupos. Quero acreditar que as coisas estão a melhorar, mas temos de perceber que existem diferentes tipos de desigualdades no País. Veja-se os



RICARDO GRACA

## **Perfil** **Foco no** **entendimento** **do outro**

**Sara Araújo é natural de Leiria. Doutorou-se em Sociologia do Direito com uma tese sobre *Pluralismo jurídico e Epistemologias do Sul*. Fez parte da equipa de coordenação do Projecto Alice, hoje transformado em Programa de Investigação em Epistemologias do Sul. Pertence ao colectivo que coordena a Universidade Popular dos Movimentos Sociais na Europa e fez parte do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa (2003-2005), tendo também sido membro da equipa de investigadores do Centro de Formação Jurídica e Judiciária de Moçambique (2005-2006) e investigadora associada do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (2008-2010). A sua investigação tem sido apontada ao pluralismo jurídico, constitucionalismo transformador, cartografias jurídicas pós-abissais, Direitos Humanos e interculturalidade, educação popular, ecologia de saberes e de justiça. Em 2008, recebeu o Prémio Agostinho da Silva da Academia de Ciências de Lisboa.**

o caso dos ciganos. São portugueses, estão há 500 anos em Portugal... não há uma linha nos manuais escolares sobre a chegada das suas comunidades ao País e sobre o seu papel na história de Portugal. Isto empobrece-nos a todos e a todas.

**Há relatórios que indicam que a comunidade cigana é a mais visada quando se trata de xenofobia. Mas há várias práticas culturais que chocam com aquilo em que boa parte dos restantes portugueses acredita. Por exemplo, as jovens ciganas obrigadas a casar em casamentos negociados. Quando a comunidade não cigana constrói pontes, do outro lado, não**

## **deveria existir um esforço semelhante?**

Fazem-se estas perguntas poucas vezes aos ciganos e às mulheres ciganas. Há muitos líderes de organizações que falam muito bem sobre estes temas, sobre o que experimentam e vivem. Há tempos cheguei a Lisboa com destino ao bairro da Cova da Moura. Entrei num táxi e quando disse para onde ia, o taxista respondeu que não me levava lá. "Porque é perigoso, porque estou farto do que acontece lá!" Naquele momento, eu senti raiva e humilhação. Eu, que sou branca e privilegiada senti-me humilhada. Imaginem o que sentiria se toda a mi-

nha história individual e da minha família assentasse na humilhação permanente e na violência sobre mim. Como é que se diz que os ciganos "não estão dispostos a dialogar", se isso, efectivamente, nunca foi tentado de uma forma estruturada. O público quer inclusão ou integração. Isso significa o quê? Que as pessoas ciganas "se civilizem" e se "integrem", mas nos termos definidos pela norma dos privilegiados? Alguém está disponível para fazer esse diálogo? "Quero dialogar contigo, mas quero que esqueças a tua cultura, a tua forma de estar e que te integres naquilo que é a minha definição do que é a norma

e do que é o bom comportamento." As comunidades ciganas são toleradas e os outros cidadãos acham-se superiores quando toleram a diferença. Reivindico uma sociedade onde sejamos todos mais ricos, com mais conhecimento, com mais cultura e diversidade, mas, para isso, tem de haver um diálogo que não assente numa hierarquia das pessoas brancas e de uma determinada cultura sobre as pessoas ciganas. Muitas vezes, na escola, os miúdos tem de fingir que não são ciganos. Houve uma activista cigana que me disse (cito de memória): "somos o 007 da sociedade. Temos de ser invisíveis. Neste momento, não posso ir trabalhar porque estou de luto. E não consigo passar por não cigana. A partir do momento em que, no meu trabalho, saibam que sou cigana, serei posta na rua." Há muitos mitos. Dizem que vivem todos do Rendimento Mínimo Garantido e em casas oferecidas. Não é verdade e há demasiado ruído. Se concordo com casamentos prematuros? Não concordo, mas não posso julgar uma cultura à luz dos meus valores, não posso julgar uma cultura por uma prática e muito menos fazer um ativismo que não envolva as mulheres que vivem essa realidade. Para se estabelecer diálogo, tem de haver aprendizagens de todas as partes envolvidas.